Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

CARTOGRAFIAS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR: sentido de lugar e geograficidade no ensino de Geografia

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho
geo.caegalvao@gmail.com

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Endereço: Alameda Eduardo Prado, 800, ap. 43. CEP 01218-012. São Paulo/SP.

RESUMO

A partir da experiência de trabalhar o sentido de lugar e a geograficidade em aulas de Geografia no nono ano, pretende-se discutir neste texto as possibilidades e potencialidades de trabalhar uma geografia existencial no ensino de Geografia. Nosso objetivo é contribuir com a discussão acerca do papel da Geografia na educação contemporânea, apontando a abordagem fenomenológica como um caminho possível e ainda pouco explorado. A elaboração de um mapa afetivo, uma "Cartografia da Experiência Escolar", permitiu experimentações didáticas e pedagógicas para que alunos reconhecessem qualitativamente os espaços da escola a partir das suas próprias experiências. Diferentemente do espaço geométrico – neutro e indiferente, os espaços geográficos tem cor, densidade, altura e aparecem ao homem a partir das experiências vividas, das memórias, lembranças e expectativas, não sendo portanto espaços alheios à própria essência do modo de ser-e-estar-no-mundo. É no sentido do aluno reconhecer-se a partir dos lugares que, sob diferentes intensidades, o atrai ou o afasta, que desejamos pensar um ensino de Geografia que aproxime a terra (natureza) do homem, em uma intersubjetividade ontológica que fortaleça o aluno na direção de uma formação que tem como objetivo a autonomia.

PALAVRAS-CHAVE

Geograficidade, Fenomenologia, Ensino de Geografia, Experiência.

CARTOGRAPHIES OF ONE'S SCHOOL EXPERIENCE: sense of place an "geographicity" in geography teaching

ABSTRACT

From the experience of working with the sense of place and with "geographicity" in middle school, specifically with year niner's classes, we intend, in the present text, to discuss the possibilities and potencialities of working with an existencial geography at the school. For instance, the production of an affective map, the project "Cartographies of one's School Experience" have allowed pedagogic and didactic experimentations for the students to recognise qualitatively the spaces within the school from the perspective of their own experiences. Differently from the geometric space – neutral and indifferent - the geographical spaces have colour, density, height and appear to oneself from one's own experience, memories, remembrances and expectations. Moreover, these spaces are strictly related to the essence and ways of being-in-the-world. The main aim is that the student recognises himself/herself within the spaces; within places that attract or repel them in different intensities. Additionally, it aims to enhance the making of a school geography that brings together the earth (nature) and the human element in an ontologic intersubjectivity in order to strengthen the student's efforts towards an autonomous academic development.

KEYWORDS

Geographicity, Fenomenology, Geography Teaching, Experience.

Na fronteira entre mundo material [...] e o mundo imaginário [...] nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções.
Eric Dardel

Introdução

Este texto pretende descrever uma situação de ensino-aprendizagem na qual se tramou a possibilidade de criação de uma cartografia afetiva do espaço escolar, a partir da busca pelo sentido de lugar a ser desvelado pelo estudante e da compreensão da cartografia como expressão e não como representação. O texto é um relato de uma atividade pedagógica que considerou a geograficidade, a dimensão ontológica e originária do homem em sua condição terrestre, como elemento norteador do conteúdo e da sequência didática proposta. Partiu-se da dimensão existencial para trabalhar uma geografia mais próxima da relação homem-Terra, a fim de levar o aluno a pensar objetivamente sua intersubjetividade, convidadando-o, portanto, a um pensar mais reflexivo.

Para Eric Dardel, antes de aparecer como objeto ou como um espaço em branco a ser preenchido, a realidade geográfica "[...] é, para o homem, então, o lugar onde ele

está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença." (DARDEL, 2011, p. 34). Antes de ser mensurada e estruturada pelo pensamento científico, a geografia se apresenta como ato primordial, condição do homem habitante da Terra. E o caminho para se chegar até essa geograficidade passa pela investigação do conceito heideggeriano "ser-no-mundo". No entanto, como nos cursos de Geografia predominam ora a vertente neopositivista, ora a vertente crítica do materialismo histórico, a dimensão existencial, antepredicativa e ligada ao mundo da vida (*lebenswelt*) de que trata Husserl (2012), é pouco aprofundada (MARANDOLA JR, 2012b).

Desejamos pensar na direção de um ensino de Geografia voltado à existência – sendo a existência fundada nas experiências vividas nos espaços geográficos – no sentido de levar o aluno a pensar o mundo a partir de si próprio. Pensar uma Geografia que instiga no aluno o preocupar-se com sua própria condição terrestre, com sua intersubjetividade, que o convoca a olhar para sua própria geograficidade e, com isso, propor uma Geografia implicada na formação autônoma do estudante. O trabalho foi realizado em 2013, em uma escola particular localizada no centro da cidade de São Paulo, como atividade proposta em Geografia para a Mostra Cultural daquele ano.

A estrutura do artigo visa contextualizar o leitor nas circunstâncias que envolveram o trabalho "Cartografias da Experiência Escolar". Nosso objetivo é compartilhar uma prática e com isso dialogar com outras práticas e perspectivas que já existem no ensino de Geografia. Desse modo temos a seguinte sequência neste artigo: apresentação das origens da proposta – um convite ao aluno para "desolhar" o espaço escolar que frequenta diariamente; descrição da proposta pedagógica e das práticas realizadas neste processo de cartografia existencial que denominamos "arqueologia de si"; as geograficidades desveladas – textos e imagens produzidas pelos alunos e o mapa coletivo em sua versão final; e finalmente as considerações finais que não visaram conclusão alguma, mas sim um exercício de se colocar a pensar o como a Geografia Humanista, e mais precisamente uma abordagem fenomenológica da geografia, pode contribuir para que a educação em Geografia responda aos desafios e anseios contemporâneos que a escola necessita pensar.

Desolhar o espaço escolar: origens da proposta

Trabalhando como professor de Geografia desde 2005, ano de formação no bacharelado e um ano após o término na Licenciatura, a sensação era de insatisfação

com a forma como se tem abordado – de um modo geral – o conhecimento geográfico, em especial os conteúdos trabalhados na educação básica e aqueles voltados para os exames vestibulares. Após tentativas, em sua maioria frustradas, de trabalhos que desviassem do padrão - tanto em escolas estaduais como em particulares – fui me sentindo mais fortalecido para realizar novas propostas que viessem a aplacar um pouco dessa angústia nascida do desejo de fazer uma Geografia escolar mais atraente, de sair do convencional e extrapolar os limites da própria formação.

Aliada a essas experiências, esse fortalecimento veio também com a aproximação com a Geografia Humanista[1], com o conhecer de modo mais aprofundado o caminho proposto, sobretudo via fenomenologia, para se chegar a outras formas de pensar a relação homem-Terra que não via neopositivismo ou via materialismo histórico. O caminho continua sendo percorrido, com a preocupação de reconhecer as possibilidades e os limites da abordagem fenomenológica em Geografia, bem como buscando compreender como realmente fazer uma geografia fenomenológica. Partindo da compreensão de que há diferentes potencialidades nas diversas teorias geográficas, o que está aqui proposto é um pensar a partir da Geografia Humanista orientada pela fenomenologia.

Esclarecidos alguns pontos relacionados ao pensamento geográfico que partimos, podemos conhecer um pouco melhor o contexto da escola onde aconteceu o trabalho, no ano de 2013. Uma escola consideravelmente diferente para os padrões brasileiros: poucos alunos por sala (entre 15 e 20), equipamento multimídia instalado em todas as salas e com opção de uso individual de *notebooks* educacionais nas aulas, professores e outros profissionais trabalhando, em sua maioria, exclusivamente no processo educacional dos alunos. Estes, por sua vez, entram na escola com dois anos ou pouco mais e ali permanecem, a despeito de poucas transferências, até o nono ano, quando então escolhem suas futuras escolas onde cursarão o Ensino Médio. Como a escola é integral, as aulas acontecem entre 7h30 e 15h45, com dois recreios e um almoço de cinquenta minutos. Com exceção da quarta-feira, com apenas seis aulas, os outros dias são formados por nove aulas, sendo três após o almoço. Há o currículo básico em português e um correspondente em inglês (*Math*, *Social Studies* e *Science*).

Portanto, uma escola e um espaço escolar bastante presente e conhecido quando estes alunos chegam ao nono ano. E, apesar de num primeiro momento o cenário aparecer como bem mais perto do ideal para uma educação mais fluida,

[1] Sobretudo com a inserção e participação, desde o início de 2012, no Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia (www.fenomenologiaegeografia.wordpress.com).

sobretudo em termos de disciplina e indisciplina, me deparei, no ano de 2012, com duas classes de nono ano bastante críticas à escola, ansiosos por terminarem logo aquele processo e seguirem outras direções. A impressão é a de que não queriam mais estudar ali e o sentimento era muito mais de ansiar uma evasão que de reconhecer a história que viveu ali.

Quando o ano de 2012 acabou, os alunos se formaram e saíram e eu fiquei pensando na situação, refletindo que se por um lado é possível reconhecermos que a relação aluno-escola é intrinsicamente conflituosa e que é natural um certo rebelar-se contra a instituição seja ela qual for, havia algo ali que poderia ser feito para que essa etapa final na escola pudesse ser melhor refletida e experienciada. E que à Geografia cabia uma ação nesse sentido.

De modo sucinto, esse era o contexto e essa foi a motivação para a elaboração do trabalho "Cartografias da Experiência Escolar", executado em setembro do ano de 2013, transição do segundo para o terceiro trimestre. Havíamos trabalhado a globalização e suas consequências, dando um enfoque crítico ao processo, sobretudo estudando a Divisão Internacional do Trabalho. Seguindo nessa perspectiva crítica, trabalhamos também a ideia da cartografia como representação, como escolhas do autor do mapa, de acordo com seus objetivos e intenções.

Por outro lado, no começo do ano tínhamos trabalhado, no intuito de relembrar e aprofundar conceitos da Geografia, o de **lugar**. Neste caso, uma referência para o sentido de lugar pode ser expresso em Marandola Jr. (2012a, p. 231): "É esse lugar a âncora espacial do ser-no-mundo e que se constitui como circunstancialidade [...]". **Conhecimento existencial porque circunstancial**. Como atividade de acolhimento entre alunos e o professor, contei um pouco da minha história a partir de lugares e eles então escolheram um lugar para desenhar e compartilhar com o restante da classe. Nos apresentamos e nos aproximamos pelas geograficidades de cada um reveladas nos lugares.

O trabalho surgiu, portanto, com objetivo de proporcionar aos alunos do nono ano possibilidades de reflexões acerca da sua própria história naquela escola, pensada a partir das relações mais íntimas, originadas na constituição de lugares com maior destaque de significados e sentidos. Para além de uma cartografia externa a eles, que pudessem cartografar elementos intersubjetivos das suas próprias experiências escolares até então, processo de produção cartográfica que denominamos "uma arqueologia e si" e que a seguir apresentaremos.

Os caminhos para uma arqueologia de si

Alunos e professor formando uma roda. A atividade disparadora consistiu em fechar os olhos e se imaginar escavando as próprias memórias – presentes no corpo-mente de cada um - que tinham da escola, experiências vividas dentro dos espaços geográficos da escola. Qualificar os lugares pela experiência. Com os olhos fechados e atentos às lembranças que apareciam e às reações que o corpo se fazia sentir, os alunos foram aos poucos silenciando. Alguns achavam aquilo tudo um pouco estranho, riam ou, desconfiados, demoravam a puxar suas imagens esquecidas. "Meditação na aula de Geografia?" falavam alguns. O quanto nós, professores, bancamos propor atividades diversificadas, incomuns para nosso modo ocidental de pensar o mundo? Minhas dificuldades também passaram por aí, de estar mais ou menos disponível para organizar uma aula cujo conteúdo tem início nas sensações despertadas em cada um.

Um texto, produzido por mim, foi utilizado para a apresentar a atividade aos alunos. Destaquei duas frases consideravelmente presentes no cotidiano dos adolescentes: "Só acontece nessa escola mesmo!"e "Posta no Face". O objetivo foi fazer o aluno pensar na sua própria relação com a escola e identificar a forma contemporânea de se expor aos outros, de contar sua história ao seu modo, como no caso da construção da própria linha do tempo em uma rede social.

A pergunta principal para o aluno foi "Qual lembrança quero deixar registrada no mapa?". Porém, antes de chegar até esse estágio final, as atividades realizadas foram planejadas como modos de aproximação do sentido de lugar que os alunos estavam em busca. Houve um misto de resistência a algumas propostas e estranheza com a possibilidade de pensar o tema do lugar e cartografa-lo. Mas também diversos alunos se empolgaram com a atividade e contagiaram outros. Dificuldades e desafios de fazer uma geografia escolar que aproxima o aluno da sua própria condição terrestre. A geografia não como um saber alheio à existência, mas pelo contrário, que vai ao encontro dela.

A atividade "andança pelo espaço escolar" aconteceu em grupo. Os alunos andaram pelos espaços da educação infantil e outros em que já haviam estado em tempos agora distantes. Puderam conversar com professoras com quem estudaram e relembrar histórias e situações esquecidas ou guardadas na memória. Depois, voltavam para a sala de aula e registravam pensamentos que emergiram nessa atividade. De fato o registro das imagens, sensações e pensamentos aconteceu em todas as atividades propostas. Entre elas, a "visualização de fotos e vídeos antigos" - desde saídas

pedagógicas, passando por festas e eventos da escola até as primeiras formaturas que tiveram. Foram os mesmos grupos, escolhidos pelos próprios alunos pelo critério da amizade e proximidade, durante todas as atividades não individuais. A seguir podemos ver (Figura 1) a síntese das atividades realizadas e os objetivos do trabalho:

ATIVIDADES	OBJETIVOS
Qual lembrança quero deixar registrada no mapa? *(Questão norteadora do trabalho)* - Leitura de frases sobre memória; - Observação de obras de arte sobre memória e espaço; - Andança pelo espaço escolar; - Visualização de fotos e vídeos antigos dos alunos na escola; - Escolha do lugar a ser cartografado; - Produção no Prezi. - Desenho.	- Reforçar a ideia do **mapa como representação** e como possibilidade de **diferentes formas de expressão**. - Refletir acerca do sentido, no 9º ano, da **experiência vivida na escola**, a partir da ideia de **lugar como centro de significados subjetivos.** - Compartilhar **memórias e expectativas** como **parte do processo de ritual de passagem** para o ensino médio.

Figura 1. Objetivos da atividade "Cartografias da Experiência Escolar" e práticas realizadas.

Com registros individuais, por atividades, e após diálogos em que compartilharam sobretudo as sensações e sentimentos acerca de um cotidiano escolar que estava prestes a acabar – o que gerava uma certa comoção, mas também ansiedades pela chegada do Ensino Médio - os alunos tinham que escrever duas situações que permaneciam como as de maior significado e sentido até o momento, dois lugares que desejariam deixar cartografado no mapa do nono ano de 2013. Eles escreviam então, a partir da pergunta: "Qual lembrança quero deixar registrada no mapa?". Assim, o aluno, estimulado a escavar profundamente suas memórias na escola, enxergava a si mesmo ao olhar para os espaços da escola, reconhecia nesses espaços **lugares que mais o atraíam e outros que não suscitavam nada muito especial**.

O lugar como experiência íntima, após um tempo necessário para seu desvelamento, estava prestes a emergir. Tal período para o amadurecimento desse reconhecimento é essencial, como nos mostra Tuan (2013, p. 167): "As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas.". **A geografia aparece como possibilidade de guiar o aluno em**

direção a si próprio, ou melhor, de instigar o aluno a procurar seu próprio caminho cujo percurso é **o constituir da sua própria autonomia**.

Cartografias da experiência escolar: geograficidades desveladas

O mapa digital foi o produto final e mais completo. O que apresentamos a seguir (Figura 2), impresso, estava na parede da entrada da sala dos trabalhos do nono ano expostos na mostra cultural. Em torno do mapa e colados na parede estavam os desenhos dos alunos. Importante notar que o depoimento (Figura 3) traz uma reflexão ligada à infância e ao que era necessário para estar feliz. Nesse caso, a aluna estava no processo de escavação e imersa em profundas memórias, identificando transformações físicas e de visão de mundo. O lugar, como centro gravitacional da perspectiva do ser-no-mundo (MARANDOLA JR, 2013, p. 231), se não está ainda explicitamente expresso nesse depoimento, evidentemente já transportou a aluna para **dimensões mais íntimas de seu relacionar-se com o mundo**.



Figura 2. Versão impressa do mapa com os lugares escolhidos. Os nomes indicam o lugar escolhido pelo aluno.



"Eu entrei na escola com 5 anos de idade. Eu me lembro de ter achado a escola muito bonita. Como antes eu estudava em uma creche muito pequena, eu achei a escola muito grande. Eu não tive dificuldade nenhuma em fazer amigos e em me sentir aceita pela escola. Quando eu era pequena eu não precisava de muito da minha simplicidade de criança. para ser feliz, uma bolha de sabão bastava. Eu quero me lembrar para sempre da minha inocência e simplicidade de criança." (S. Z.)

Figura 3. Produções dos alunos a partir das atividades.

O mapa digital teve como ferramenta o programa *Prezi* (www.prezi.com) , sendo que a produção do mapa pode ser compartilhada por até dez editores ao mesmo tempo. Assim, usando a tecnologia para mudar e dinamizar práticas pedagógicas contemporâneas (MANDAIO, 2011) organizamos aulas em duplas, um notebook por par. Com vinte alunos na sala, enquanto um trabalhava na versão digital, o outro podia melhorar seu texto, terminar de selecionar fotos ou então fazer o desenho. Tivemos alguns problemas ocasionados pela oscilação do sinal de internet, alguns alunos perderam informações que ainda não estavam salvas e tiveram que refazer. Há de se ressaltar que o aluno podia mexer no mapa em sua casa e isso de fato aconteceu, mesmo com alunos que não finalizaram a tempo para a mostra cultural, sendo que o mapa também foi exibido na formatura dos alunos.

No mapa digital o aluno caracterizava seu lugar no mapa: identificando-se, escrevendo um texto a respeito e inserindo fotos e/ou vídeos. Os textos tinham que identificar o lugar e dizer o porquê daquela escolha. O resultado final consistiu em um mapa online cuja base é a planta da escola, com o número do aluno no lugar escolhido e no entorno desse número os arquivos selecionados. O mapa então navega número por número, lugar por lugar, aumentando o zoom para a leitura e visualização da produção do aluno. Eis alguns trechos dos textos:

"A saída do fundamental um, a arquibancada, o primeiro lugar que tive contato nesse imenso novo mundo, onde conheci minhas primeiras amigas, ouvi as mais românticas e tenebrosas histórias de cavaleiros e princesas contadas pela mais linda fada do reino da escola, onde ensaiei para todos os shows de talentos e encontrei minha paixão, meu hobbie, a dança. este lugar é meu porto seguro, onde vou quando quero contar aquele segredo pras minhas amigas, ou comer aquele lanche que todos iriam pedir. Bom, foram 12 anos de amizade e harmonia entre uma garota e um lugar." (B.C.)

"Escolhi a Praça Vermelha, pois era o santuário do 8° ano, onde passávamos a maior parte de nossos recreios conversando, lutando entre nós mesmos para ver quem caía na composteira primeiro e foi lá que comecei várias amizades e fortaleci as que eu já tinha." (M. S.)

"Escolhi a sala do 5º ano porque,eu me lembro que, nessa época, nenhum aluno sabia soletrar a palavra 'Beautiful', então a professora de Inglês escreveu uma música curta, ensinando como escrever a palavra propriamente e até hoje, toda vez que eu escrevo, eu canto a mesma música em minha cabeça." (I.B.)

"Eu escolhi o corredor do anfiteatro porque, após termos voltado da viagem de Itatiaia, eu e a Isabela Serra ficamos dando voltas na escola, à noite. Tínhamos visto um filme no ônibus e estávamos morrendo de medo. Saímos gritando pela escola, desesperadas." (I. A.)

A aluna que se lembrou de uma aula específica em que aprendeu uma palavra, o corredor escuro e assustador, o anfiteatro como local das conversas em segredo ou dos ensaios para atividades, a praça colocada como santuário, são alguns dos exemplos dos textos escritos pelos alunos. Como uma primeira tentativa dessa cartografia afetiva, entendemos de modo satisfatório as reflexões feitas pelos alunos, embora reconheçamos que um diálogo mais próximo com a disciplina de Língua Portuguesa, por exemplo, poderia render melhores construções textuais. De qualquer forma, a avaliação dos alunos sobre a proposta foi positiva. Alguns poucos questionaram o conteúdo e julgaram uma perda de tempo essa trabalho com a justificativa de que esse conteúdo "não é importante". Será que porque não é exigido no vestibular? Outros reclamaram dos problemas ocorridos no *Prezi*, pela sobrecarga de arquivos o que deixou o trabalho em sala de aula mais lento e demorado. Grande parte entendeu como um trabalho diferente e interessante, mesmo que as atividades inicias – olhos fechados e postura meditativa – tenha causado uma estranheza considerável nos alunos, segundo relataram os próprios na nossa conversa após o mapa finalizado.

Acostumados que estamos com as evidências da ciência positivista ou materialista, os resultados aqui obtidos certamente suscitam críticas e discussões. Ou pelo menos é o que esperamos, para com isso compreender as **possibilidades de um caminho fenomenológico no ensino de geografia**. Portanto, mais importante que o produto final, nos interessa o processo desse conhecer-se a partir do espaço, que já não mais aparece ao aluno apenas como um espaço geométrico e neutro, mas se abre como **um espaço geográfico dotado de qualidades experienciadas.**

O pensar a geograficidade no ensino de Geografia: as experiências nos espaços geográficos da existência

Da geografia que decorava capitais e afluentes à geografia que tece uma crítica a produção espacial, da descrição neutra da paisagem ao mapeamento com maior exatidão, que outros caminhos podem ser trilhados no fazer de uma geografia escolar? Como pode a geografia humanista, ou, mais precisamente, uma geografia que se quer fenomenológica contribuir para fazer do conhecimento geográfico? **Geograficidade** e **sentido de lugar** é o que propomos aqui para primeiras buscas colocadas por essas perguntas.

Em primeiro lugar, consideramos que sem trabalhar a dimensão da **geograficidade** o acesso ao lugar fica limitado, permanece distante, pois não se retorna ao olhar antepredicativo, anterior à matematização da natureza e a naturalização da matemática (HUSSERL, 2012). Às coisas elas mesmas, como colocou Heidegger a partir da fenomenologia de Husserl, quer dizer: **é necessário voltarmos ao mundo que se nos apresenta antes de qualquer representação**. Um exemplo: é comum nos currículos e livros didáticos a seção recursos naturais. Mas originariamente a natureza não é um recurso que está ali disponível para uso humano, antes disso ela é base da existência, do habitar a Terra. Enxergá-la como um recurso é **uma** das possibilidades de com ela nos relacionarmos.

Com o pensar a geograficidade na sala de aula temos a possibilidade de que o aluno acesse a natureza antes de concebe-la como um mero recurso. A proposta fenomenológica colocada por Eric Dardel pode contribuir para uma compreensão da geografia pouco explorada ainda nas escolas, **uma geografia que é uma abertura de mundo** e não um enquadrar *a priori* esse mundo. Em outras palavras, **a geografia é um descobrir e um descobrir-se**, ela é movimento, possibilidade de encontro originário, geografia feita pelo corpo e não distante dele.

A realidade geográfica, assim, é a partir da nossa intencionalidade, da nossa consciência que está sempre voltada para algo, como propôs Edmund Husserl. Também Michel Onfray escreveu sobre uma "bússola interior", no sentido de cada um ter seu próprio norte: "Existe sempre uma geografia que corresponde a um temperamento. Resta descobri-la" (ONFRAY, 2009, p.20-21). Perspectivas que podem ampliar nosso entendimento do lugar como uma dimensão essencial da relação homem-Terra e com isso contribuir para a abordagem científica da Geografia, não para necessariamente

substituir o positivismo ou o materialismo, mas sim para poder supera-los em situações onde isso é possível e, sobretudo, necessário.

Não para concluir e sim para encerrar essas primeiras reflexões suscitadas após a realização do trabalho "Cartografias do Espaço Escolar", trazemos aqui a poesia de Manoel de Barros em sua busca pelas pré-coisas, pelos sentidos originários presentes da relação homem-Terra, não uma relação já marcada pelo pensamento científico de início, mas pela possibilidade de abertura que o devir nos reserva, de descobrir a Terra: "O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. **Sai o garoto pelo piquete com olho de descobrir**." (BARROS, 1985, p. 31, **grifo nosso**).

Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel de. **Livro de pré-coisas**: roteiro para uma excursão no Pantanal. Rio de Janeiro: Philobiblion: 1985.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011 [1952].

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

MANDAIO, Cláudia. Uso do computador portátil na escola: perspectivas de mudanças na prática pedagógica. **Dissertação de Mestrado em Educação:** Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2011.

MARANDOLA JR. E., HOLZER, W., OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia e fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012a.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia** (Rio Claro. Impresso), v. 37, p. 81-94, 2012b.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 05 de fevereiro de 2015.

Aceito para publicação em 25 de outubro de 2015.